REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i47.19796

She was... Anacaona, The Golden Flower Queen / Ella era… Anacaona, La Reina Flor de Oro (2020), De Viviana S. Torres: Desafios e possibilidades para a formação de leitoras e escritoras decoloniais

She was... Anacaona, The Golden Flower Queen / Ella Era… Anacaona, La Reina Flor De Oro (2020) By Viviana S. Torres: Challenges and possibilities for the formation of decolonial readers and writers

Gilmei Francisco Fleck[1]
E-mail: chicofleck@yahoo.com.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4228-2566

Amanda Maria Elsner Matheus[2]
E-mail: amandamaria.elsner@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8534-8505

Ricardo Muniz Conde[3]
E-mail: ricardo07letras@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0006-3244-9461

1 Unioeste - Cascavel/PR.
2 Unioeste - Cascavel/PR.
3 Unioeste - Cascavel/PR.

Resumo: Os povos indígenas, no processo de implementação e manutenção da colonização europeia na América Latina, foram relegados à subalternidade. Ainda hoje, embora tenhamos o reconhecimento dessas populações e de sua História, persiste o ocultamento e a desvalorização de sua cultura como um todo. No entanto, a Literatura pode confrontar essa marginalização ao oportunizar o contato com outras perspectivas do passado colonial, permitindo que o leitor "escute" as vozes antes silenciadas e tenha acesso a episódios distorcidos historicamente. Nessa perspectiva, analisamos a obra *She was... Anacaona, the golden flower queen / Ella era... Anacaona, la reina flor de oro* (2020), de Viviana S. Torres. Demonstramos, aqui, como uma narrativa bilíngue, escrita por uma autora de apenas 10 anos, desafia paradigmas eurocêntricos ao recuperar a memória de Anacaona – líder taína símbolo de enfrentamento à colonização espanhola dos séculos XV e XVI. Nossa análise evidencia a leitura e a escrita como instrumentos de resistência frente à colonialidade que hoje vivemos. Com base em Lugones (2008; 2014), Fleck (2017; 2023; 2024), Santos (2023), Becher e Fleck (2024), entre outros, discutimos como as narrativas híbridas de História e ficção infantis e juvenis podem contribuir para a formação de leitoras e escritoras decoloniais na América Latina.

Palavras-chave: Colonização; Leitor literário decolonial; Decolonialidade; Autoria feminina; Povos Indígenas.

Resumen: Los pueblos indígenas, durante la implementación y mantenimiento de la colonización europea en América Latina, fueron relegados a la subalternidad. Aún hoy, aunque se reconozcan estas poblaciones y su Historia, persiste el ocultamiento y la desvalorización de su cultura. No obstante, la Literatura puede confrontar esta marginalización al ofrecer nuevas perspectivas sobre el pasado colonial, permitiendo que el lector "escuche" las voces silenciadas y acceda a episodios históricamente distorsionados. En este sentido, analizamos la obra *She was... Anacaona, the golden flower queen / Ella era... Anacaona, la reina flor de oro* (2020) de Viviana S. Torres. Demostramos cómo una narrativa bilingüe, escrita por una autora de 10 años, desafía los paradigmas eurocéntricos al recuperar la memoria de Anacaona, líder taína que simboliza la resistencia a la colonización española en los siglos XV y XVI. Nuestro análisis destaca la lectura y la escritura como instrumentos de resistencia frente a la colonialidad que aún perdura en la actualidad. Con base en los trabajos de Lugones (2008; 2014), Fleck (2017; 2023; 2024), Santos (2023), Becher y Fleck (2024), entre otros, discutimos cómo las narrativas híbridas de Historia y ficción pueden contribuir a la formación de lectoras y escritoras decoloniales en América Latina.

Palabras clave: Colonización; Lector literario decolonial; Decolonialidad; Autoría femenina; Pueblos indígenas.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita sempre foram instrumentos de poder dentro das sociedades ocidentais. Esses saberes, inicialmente, foram controlados pelo clero e pela nobreza e, mais tarde, apropriados pela burguesia. Além disso, é fato que o terreno da escrita esteve por muito tempo sob o domínio, quase que absoluto, de homens brancos das classes mais privilegiadas. No contexto colonial da América – que no território do Brasil durou 322 anos – esse controle se manifestou na exclusão sistemática das populações indígenas, dos afrodescendentes, de todos os mestiços e das mulheres ao acesso à escolarização. Tal fato reforçou a colonialidade do saber, do poder e do ser, contribuindo à perpetuação das desigualdades, gerando sociedades altamente estratificadas na América Latina.

Conforme aponta Soares (1995, p. 48), “o aprendizado da leitura e da escrita pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas, também, à transformação de suas condições sociais”. Cientes disso, essa transformação tem sido historicamente cerceada pelas elites que, ao longo dos séculos, mantiveram o analfabetismo funcional como uma forma de dominação. É sobre essa realidade inegável que atuamos como docentes do Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Nesse contexto, por meio desta escrita, procuramos evidenciar, mesmo que de forma sintetizada, nos tópicos a seguir expostos, como se deu em nossa historicidade o controle sobre e leitura e a escrita e como esse controle influenciou, de forma direta e decisiva, na produção literária escritural de mulheres negras, mestiças e autóctones, cuja produção sempre foi alijada do sistema valorativo do cânone eurocêntrico, e cuja representação sempre foi padronizada pela escrita masculina patriarcalista e sexista.

O presente estudo, de abordagem qualitativo-interpretativista, está ancorado em referenciais do pensamento decolonial e dos estudos críticos da Literatura Infantil e Juvenil no contexto das escritas híbridas de História e ficção. A metodologia consiste na análise literária e discursiva da obra bilíngue *She was… Anacaona, the golden flower queen / Ella era… Anacaona, la reina flor de oro* (2020), escrita por Viviana S. Torres aos 10 anos de idade. Essa obra foi selecionada por sua proposta singular de recuperar, em linguagem acessível e estética envolvente, a trajetória de Anacaona, líder taína símbolo da resistência à colonização espanhola nos séculos XV e XVI.

Frente a esse propósito, a seguir, discutimos como as narrativas híbridas de História e ficção, destinadas ao público infantil e juvenil, podem contribuir para a ressignificação da História Latino-americana e para a construção de um novo paradigma de representatividade e resistência no imaginário coletivo. Para isso, dividimos nossa exposição em duas seções.

2 A COLONIZAÇÃO: UMA HISTÓRIA DE PERCALÇOS AOS CONTINGENTES SUBJUGADOS – AS RESISTÊNCIAS PELA ESCRITA E A RESSIGNIFICAÇÃO DESSE PASSADO COLONIAL NA LITERATURA

Como observa Fleck (2023), no Brasil, o apagamento da História dos povos indígenas, dos africanos, dos mestiços e das mulheres no âmbito da historiografia tradicional e das instituições educacionais reflete um projeto colonial de silenciamento e subjugação que perdura até nossos dias. Durante os 322 anos de colonização nesse território, a Educação do nosso povo esteve, a maior parte do tempo, sob o controle dos jesuítas. Esses religiosos priorizavam a catequização em detrimento do ensino igualitário, promovendo a aculturação dos nossos povos originários. Segundo Saviani (2013, p. 43), [...] a principal estratégia utilizada para a organização do ensino, tendo em vista o objetivo de atrair os “gentios”, foi agir sobre as crianças, [...] pela mediação dos meninos brancos, atrair os meninos índios e, por meio deles, agir sobre seus pais”.

Mesmo após o fim do período colonial (1822) e a implementação do Período Imperial no Brasil, mudanças nessa realidade de exclusão de autóctones, mestiços, africanos e afrodescendentes e mulheres no sistema educacional não ocorreram em nosso território. Com a Proclamação da República, as estruturas de exclusão permaneceram, garantindo que a aprendizagem da leitura e da escrita fosse um privilégio das classes dominantes e o acesso ao conhecimento amplo e libertador segue elitizado até hoje.

O sistema educacional das ex-colônias tem sido um instrumento das classes dominantes, descendentes dos antigos colonizadores, para preservar seus privilégios, de modo a “manter em pleno vigor muitas reminiscências do colonialismo, disfarçadas, em nossos dias, sob outras roupagens e denominações” (Fleck, 2023, p. 15). A

Educação, nesse panorama, segue sendo um espaço de disputa, no qual a democratização do acesso à leitura e à escrita representa um direito e um ato de resistência contra as heranças coloniais e patriarcais que ainda moldam os contornos da atual sociedade brasileira.

Essa lógica colonialista, ao desumanizar os povos não europeus e submeter as mulheres não brancas a uma "ordem natural" de subjugação, encontra eco no apagamento histórico das mulheres indígenas e africanas promovido pela historiografia tradicional europeia. Segundo Lugones (2008), a colonialidade instituiu uma hierarquia desumanizante, articulando raça, gênero e sexualidade de forma interdependente para consolidar a supremacia branca e masculina. Isso nos leva a concluir que o silenciamento dessas mulheres não foi acidental, mas parte da mesma estrutura de poder que Lugones (2008) denuncia, reforçando a colonialidade do saber, do poder e do ser, negando a elas qualquer agência histórica. Cabe, portanto, apontarmos que

> […] *en América, la idea raza fue un modo de otorgar legitimidad a las relaciones de dominación impuestas por la conquista. La posterior constitución de Europa como nueva identidad después de América y la expansión del colonialismo europeo sobre el resto del mundo, llevaron a la elaboración de la perspectiva eurocéntrica del conocimiento y con ella a la elaboración teórica de la idea de raza como naturalización de esas relaciones coloniales de dominación entre europeos y no-europeos. Históricamente, eso significó una nueva manera de legitimar las ya antiguas ideas y prácticas de relaciones de superioridad/inferioridad entre dominados y dominantes*[4] (Quijano, 2014, p. 779-780).

Daí resulta que o conceito de "raça", segundo Quijano (2014), foi construído como um instrumento de legitimação das relações de dominação impostas pela colonização. Na América, essa ideia serviu para justificar a hierarquização entre europeus e povos colonizados, atribuindo características supostamente naturais às relações de superioridade e inferioridade. A constituição da identidade europeia após a conquista e a expansão do colonialismo reforçaram essa lógica, consolidando uma perspecti-

4 Nossa tradução: […] na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. (Quijano, 2014, p. 779-780).

va eurocêntrica do conhecimento que naturalizou as desigualdades coloniais. Assim, “raça” nunca foi uma categoria biológica, mas, sim, uma construção retórica, social e histórica que perpetua sistemas de poder e de exclusão.

Nesse contexto, a autoria de mulheres negras, indígenas, mestiças na América Latina, especialmente quando vinculada à ressignificação literária de figuras históricas marginalizadas, representa uma atitude não só antirracista, antiescravagista, mas, e essencialmente, decolonial, de resistência e de ressignificação do passado, principalmente dentro da produção híbrida de cunho crítico[5]. Muitas dessas produções buscam priorizar o que propõe Lugones (2014) com o “feminismo descolonial”, ou seja, questionar e desfazer as estruturas de poder colonial e patriarcal, enfatizando a importância de uma abordagem interseccional que evidencie o entrelaçamento das diversas formas de opressão, pois “[...] descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social” (Lugones, 2014, p. 940). Assim, a autoria feminina, nesse âmbito de produção literária híbrida, torna-se ferramenta de transformação, de resistência e de enfrentamento, ao desafiar as estruturas opressoras que sustentam a colonialidade do poder, do saber e do ser. Quando tais escritas híbridas são vistas, como nós o fazemos, como materiais potenciais à formação de um leitor literário decolonial, implementadas no espaço social e histórico das práticas de leitura nas escolas públicas brasileiras, passos firmes, de resistência e de confronto, também ocorrem no sistema educacional vigente.

Tanto a leitura quanto a escrita, como mecanismos de luta, resistência e enfrentamentos ao sistema colonialista e patriarcal, têm se mostrado espaços de subversão desse silenciamento, permitindo que vozes antes negligenciadas sejam escutadas e que novas gerações possam acessar perspectivas contra-hegemônicas. As narrativas infantis e juvenis híbridas de História e ficção[6] (Santos, 2023) de autoria feminina, cuja

5 Ao analisar a trajetória diacrônica do gênero romance histórico, Fleck (2017) identifica cinco modalidades dessas escritas híbridas de história e ficção. Duas delas são consideradas acríticas pelo teórico: a modalidade clássica scottiana e a tradicional, derivada da primeira durante o Romantismo. As três restantes são classificadas como críticas: o novo romance histórico latino-americano, a metaficção historiográfica (com caráter crítico/desconstrucionista) e o romance histórico contemporâneo de mediação (com função crítica/mediadora).

6 As narrativas híbridas de História e ficção infantis e juvenis unem elementos históricos e fictícios para apresentar aos jovens leitores versões ressignificadas do passado. No contexto brasileiro, essas obras se aproximam dos romances históricos contemporâneos de mediação (Fleck, 2017), ao promoverem uma leitura crítica da História. Como destaca Santos (2023), ao dar voz a personagens periféricas, essas narrativas confrontam os discursos tradicionais do ensino de História,

essência escritural hodierna se aproxima dos romances históricos contemporâneos de mediação (Fleck, 2017), desempenham um papel crucial na formação de leitoras e escritoras que questionam as estruturas coloniais e patriarcais arraigadas nas sociedades latino-americanas, ao reconfigurar e ao reposicionar na História mulheres deliberadamente excluídas por sua “raça”, como foi o caso da líder taína Anacaona.

Para alterar essa realidade historicamente resistente em nosso país, que insiste em cultivar, em muitas de suas instâncias, as reminiscências do colonialismo, apostamos na formação leitora literária decolonial, um processo que, gradativamente, leve nossos jovens leitores em formação a darem o “giro decolonial” (Mignolo, 2007), pelo reconhecimento do colonialismo do passado e da colonialidade do presente. A colonialidade, que se estendeu após as independências das Colônias Latino-americanas das metrópoles europeias, mantém, assim, vigentes, na atualidade, as essências do passado para controlar o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa empática e igualitária.

Para isso, é necessário que nossos jovens em formação leitora comecem a reconhecer como funcionou o sistema de configuração dos contingentes que formaram nossa sociedade ao longo da História. Os registros oficializados das imagens dos sujeitos sociais ao longo da Colônia e do Império do Brasil foram, massivamente, executados pelos homens brancos, europeus colonizadores ou descendentes diretos desses, sujeitos escravocratas, patriarcalistas, machistas e discriminadores. Nessas escritas do poder sempre vamos ter duas categorias: a parcela exaltada, branca, civilizatória e modernizadora do território e a outra que se opõem diametricamente a ela. Assim, “por um lado, temos a exaltação de certos sujeitos como heróis, promotores do progresso e da salvação; por outro, temos a detração de pessoas que se opunham a essas ações, retratadas como bárbaros, selvagens, antagonistas da civilidade e da modernidade” (Fleck, 2023, p. 55).

Levar à sala de aula do Ensino Fundamental e Médio uma Literatura híbrida que ressignifica esse passado colonial de nossas sociedades, no intuito de formar leitores que conheçam a origem colonial de nossa estratificação social e que entendam as divisões e os cerceamentos da atualidade como consequências desse passado histó-

favorecendo a descolonização do saber e contribuindo para a formação de leitores críticos capazes de questionar narrativas hegemônicas. Para melhor compreensão dessas formas de narrativa, sugerimos a leitura da tese *Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil no Brasil: as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora* (2023), de Vilson Pruzak dos Santos, disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6855. Acesso em: 20 fev. 2025.

rico é uma ação que nós consideramos uma formação leitora literária decolonial. Para isso, os docentes precisam ser devidamente instrumentalizados, formados como leitores decoloniais, a fim de mediar, de forma apropriada, esse novo enfoque de formação leitora nas escolas brasileiras.

Diferente do "enfoque funcional" dado à leitura na atualidade – baseado na supremacia do uso de diferentes gêneros textuais na sala de aula –, a fim de potencializar o estudante a se tornar parte da mão de obra barata requerido pelo sistema neoliberal, a formação literária decolonial busca uma formação integral, humanizadora, pela arte literária, e crítica, pelo conhecimento histórico. Nessa perspectiva, um leitor decolonial não se forma um sujeito consciente de seu passado colonialista "[...] por meio de estratégias de silenciamento, de ocultação e de romantização de nosso passado, como ocorre nos discursos canônicos, oficializados. O leitor decolonial precisa se defrontar com a essência do colonialismo, sem ser "poupado" da realidade [...]" (Fleck, 2023, p. 23-24).

Vivenciar, por meio das práticas de leitura da arte literária híbrida de História e ficção, as experiências de muitos desses sujeitos que se posicionaram do outro lado da colonização, que resistiram, lutaram e, inclusive, foram mortos, pelo poder instituído, é um dos caminhos mais relevantes para a descolonização das mentes, das identidades e do imaginário dos povos antes colonizados na América Latina. É nesse sentido que, à continuação, abordamos uma obra híbrida de História e ficção juvenil de suma importância nesse processo de ressignificação do passado colonial da História da América.

3 *SHE WAS... ANACAONA, THE FLOWER QUEEN / ELLA ERA… ANACAONA, LA REINA FLOR DE ORO* (2020): UMA ESCRITA DECOLONIAL INFANTIL E JUVENIL E UMA LEITURA DESCOLONIZADORA

She was... Anacaona, the golden flower queen / Ella era... Anacaona, la reina flor de oro (2020)[7] é uma narrativa infantil/juvenil escrita por Viviana S. Torres. Esse relato

7 Essa obra integra o *corpus* de análise do estudo *Configurações de autóctones da América em narrativas híbridas juvenis*: *a reterritorialização das mentes – leituras à formação decolonial no En-*

híbrido surge, nesse panorama de produções críticas decoloniais na América Latina, como uma obra de grande potencial para enfrentamento decolonial e feminista contemporâneo no que tange à formação inicial de leitor(e)as e escritor(e)as decoloniais no espaço das escolas públicas.

Trata-se de uma narrativa híbrida de História e ficção escrita por uma autora dominicana/estadunidense de apenas 10 anos. Viviane é, pois, uma estudante em formação leitora e escritora. Isso, por si só, representa uma ruptura significativa com o cânone[8] literário infantil e juvenil, cuja autoria, normalmente, é de sujeitos adultos que configuram a infância.

Nessa obra, a autora juvenil resgata a memória da personagem de extração histórica Anacaona[9], uma líder taína do território hoje conhecido como República Dominicana e Haiti, que vivenciou a primeira chegada de Colombo em sua ilha. Essa nativa ficou conhecida por sua coragem e resistência à colonização espanhola. A luta de Anacaona em defesa de seu povo frente às agruras da dominação levou-a a ser executada, à forca, em 1503, após ser traída e capturada pelos colonizadores. A escolha desta personagem como protagonista de uma obra literária infantil/juvenil desafia o imaginário ocidental, que, historicamente, retratou lideranças indígenas femininas como figuras exóticas ou irrelevantes dentro do processo de formação da América

sino Fundamental e Médio (2025-2027), de Ricardo Conde Muniz, desenvolvido na Pós-graduação em Letras – PPGL –, da Unioeste/Cascavel PR, no contexto das pesquisas efetuadas pela célula da Literatura Infantil e Juvenil do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização". O estudo, assim que concluído, estará disponível para acesso no banco de teses e dissertações da Unioeste.

8 O cânone literário infantil e juvenil, historicamente formado por critérios elitistas, patriarcais e eurocêntricos, tem sido questionado por estudos feministas e pós-coloniais que expõem suas relações de poder excludentes. Virgínia Leal (2010, p. 202) destaca que sua construção reflete um "processo de elitização, branqueamento e patriarcalização da cultura", privilegiando autores homens, brancos e de classes dominantes. Desse modo, a crítica feminista busca não apenas incluir obras de autoria feminina, mas questionar a lógica excludente do cânone (Zolin, 2009), ampliando a representatividade de gênero, raça e classe.

9 A tese *Anacaona – resiliência feminina à ocupação europeia no caribe: ressignificações da atuação autóctone feminina na colonização da América Latina* (2025), defendida em fevereiro de 2025, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste/Cascavel-PR, pela pesquisadora Tatiane Cristina Becher, é marco fundamental para as pesquisas sobre essa importante personagem histórica de nosso passado colonial. O estudo estará em breve disponível para acesso no banco de teses e dissertações da Unioeste. Contudo, para que o leitor tenha uma prévia, sugerimos a leitura do artigo *Ressignificações decoloniais da resistência autóctone feminina na história latino-americana: representações literárias de Anacaona* (2024), de Tatiane Cristina Becher e Gilmei Francisco Fleck, disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/87622/52784. Acesso em: 20 fev. 2025.

Latina. Além disso, a obra se destaca por estar escrita em duas línguas, inglês e espanhol, o que amplia seu alcance e seu impacto, permitindo que diferentes públicos tenham acesso a essa tessitura narrativa híbrida crítica.

Vale ressaltar que, na retórica da modernidade/civilidade (Mignolo, 2017), que sustentou a colonização na América Latina, as menções aos povos originários eram usadas para reforçar a dominação e a exploração pelos europeus. Assim, não havia espaço para reconhecer os opositores, especialmente aqueles que, apesar da desvantagem tecnológica, resistiam aos colonizadores. Esse silenciamento, como apontam Becher e Fleck (2024, p. 91), se torna mais evidente no caso da taína Anacaona, já que “as referências a ela, nos registros oficializados, são ínfimas, relacionadas à sua relação com os valentes homens opositores dos espanhóis: o cacique Caonabó, seu marido, e o valente guerreiro Behechio”, seu irmão”, resultando em uma minimização de seu papel na História Tradicional.

Por conseguinte, a obra em foco neste texto contribui para a desconstrução de um passado colonial manipulado pela retórica da modernidade/civilidade em relação aos primórdios da colonização de nosso continente. Isso demonstra que o texto literário pode apresentar versões outras que afirmam a presença e a insurgência indígena através dos séculos frente ao poderio das metrópoles colonizadoras. Dessa maneira, novas formas de conhecimento e pertencimento podem emergir, abrindo espaço para a valorização das histórias/vivências antes apagadas e para a formação de escritor(e)as e leitor(e)as decoloniais, inspirad(os)as a atuarem criticamente desde a infância, tendo como modelo identitário a figura da líder taína Anacaona.

A autora de *She was… Anacaona, the flower queen/ Ella era… Anacaona, la reina flor de oro* (2020), Viviana S. Torres, conforme já mencionado, publicou essa obra aos 10 anos de idade. Torres, apesar de viver em Nova York e de ainda ser uma criança, empenha-se ativamente em manter e em valorizar a sua forte herança latino-americana. Após conhecer a História de Anacaona e apoiada por sua tia – a qual também exerce a função de escritora –, a autora se inspirou para escrever a obra de Literatura Infantil/Juvenil com o objetivo de divulgar a memória de uma personalidade histórica feminina autóctone pouco difundida na contemporaneidade.

Ademais, Torres, em uma entrevista de divulgação de seu livro (2019)[10], comenta que era de seu desejo que a obra fosse publicada em inglês e espanhol, para que

10 A entrevista está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j0p_IsGRX_s. Acesso em: 21 fev. 2025.

a História de Anacaona fosse amplamente divulgada e, principalmente, para que as crianças de origem latina, assim como ela, conhecessem mais a sua própria cultura. Desse modo, em *She was… Anacaona, the flower queen / Ella era… Anacaona, la reina flor de oro* (2020) a autora traz um relato que não apenas apresenta ao leitor a síntese dos fatos que envolveram a figura de Anacaona, mas, também, um texto no qual se faz uso da ficção para ressignificar a imagem de Anacaona, retirando-a de um silenciamento de séculos, imposto pela historiografia tradicional, e recolocando-a no centro da narrativa como símbolo de luta e resistência feminina autóctone. Anacaona, pela ficção torna-se símbolo da resistência feminina às atrocidades da colonização, podendo ser modelo identitário para muitas crianças como Torres.

Essa configuração ficcional da personagem de extração histórica na obra de Torres (2020) oferece ao leitor infantil e juvenil latino-americano uma visão decolonial do passado, em uma perspectiva que questiona as versões hegemônicas da História Tradicional. Para a formação identitária, essa imagem é um significativo índice de identificação, pela bravura, pela coragem, pela determinação e pelos enfrentamentos, até a morte, dessa líder, cacica taína. Ela é a materialização de uma mulher nativa americana, uma líder autóctone, que não se submeteu ao poderio colonizador, mas foi vencida pela astúcia, pela hipocrisia e pelo engano empregados para a sua subjugação.

Historicamente, Anacaona foi uma liderança taína de Jaragua, espaço geográfico que, atualmente, corresponde à República Dominicana e ao Haiti. Sua influência entre os povos indígenas à época inicial da colonização era notável, sendo reconhecida por sua sabedoria e habilidade diplomática. De acordo com Becher e Fleck (2024), dos poucos registros que se tem sobre sua atuação nos eventos que se sucederam ao "descobrimento" da América, destacam-se os escritos por Bartolomeu de Las Casas (1474/1484-1566), frade dominicano espanhol e defensor dos povos originários. Em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* ([1552] 2011) e *Historia de las Indias* ([1875] 1957), Las Casas relatou suas experiências com os colonizadores e os primeiros contatos com os nativos. No episódio de Jaragua, ele narra como o governador espanhol, com tropas a cavalo e a pé, atraiu mais de trezentos líderes taínos sob falsos pretextos, aprisionando-os em uma casa de palha e incendiando-a. Os demais foram mortos com lanças e espadas, enquanto Anacaona foi enforcada por defender sua honra. Seus relatos, raros por sua perspectiva crítica, contrastam com outros documentos da época, ao detalhar a brutalidade das expedições colonizadoras.

A cacica Anacaona sobreviveu ao incêndio, mas foi sequestrada pelos espanhóis e destinada a ter uma vida de escravizada, porém, consciente de seu valor e sua posição, a líder rejeitou qualquer tipo de dominação por parte dos colonizadores. Por se negar a servir os colonizadores, Anacaona foi condenada à morte e, assim, ela foi enforcada, em 1503, conforme revelam os registros de Las Casas. Com isso, considerando toda a sua trajetória e ações como uma liderança exemplar, essa cacica tornou-se um dos maiores símbolos femininos de resistência latino-americana da contemporaneidade, apesar da construção histórica tradicional não dar a ela o seu devido reconhecimento.

Diante dos fatos, verificamos que a diegese está centrada nas vivências de Anacaona, uma cacica taína da ilha de Quisqueya, respeitada por sua comunidade, que exercia atividades culturais como a dança e a narração de histórias para cultivar a cultura local. Para ela, o mais importante era priorizar a harmonia e a paz entre os povos, ou seja, a líder nativa não poderia imaginar a mente pervertida do colonizador branco, mais especificamente do novo governador espanhol da ilha, Nicolás de Ovando, que considerava os nativos como inimigos e, portanto, decidiu exterminá-los.

Anacona, como personagem protagonista de extração histórica (Fleck, 2017), surge na narrativa híbrida de Torres (2020) por meio da insatisfação de seus pais, que já tinham dois filhos, mas tinham a sensação de incompletude e almejavam outro filho/filha. Portanto, tem-se o nascimento de Anacaona apontado no relato híbrido. Logo após, há uma transição temporal que apresenta Anacaona já em sua maioridade e se relata o seu casamento com Caonabó, que era o cacique da parte da ilha chamada Managua. Com a morte de seu irmão, Anacaona teve que liderar a região de Jaragua. Tornando-se, então, a cacica mais amada e respeitada deste povo, conforme demonstra o fragmento: *Under her rule, the natives lived happily. Anacaona was a wise and fair leader, and everybody respected her. / Bajo su reinado, los nativos vivian felices. Anacaona era una lider sabia y justa y todos la respetaban*[11] (Torres, 2020, n.p).

Ainda na diegese, o seguimento se sistematiza na forma com que Anacaona realizava o contato com os colonizadores. A cacica efetivou pacificamente troca de alimentos e especiarias com os espanhóis. Algo que nenhum outro cacique havia conseguido anteriormente. Porém, esse acordo velado de paz que a líder pensou ter

11 Nossa tradução: Sob seu reinado, os nativos viveram felizes. Anacaona era uma líder sábia e justa e todos a respeitavam (Torres, 2020, n.p.).

com eles não se deu por duradouro. Conforme relata o narrador, certo dia, Nicolás de Ovando, governador espanhol, convidou Anacaona e o seu povo para um desfile militar pacífico, porém, infelizmente, os nativos ignoraram, totalmente, a possibilidade de ser essa uma emboscada. O convite era uma armadilha, a maioria de seu povo foi queimado vivo e sua líder sequestrada e enforcada com a sua lealdade invicta.

Viviana S. Torres (2020), portanto, configura Anacaona como uma personagem histórica de grande força e protagonismo, destacando sua liderança, sabedoria e resistência frente à colonização espanhola. Desde a infância, ela é retratada com profundo vínculo com sua cultura e notável capacidade de liderança, atributos que a tornam referência entre os taínos. Sua força se manifesta tanto na esfera política quanto moral, especialmente ao recusar submeter-se às imposições dos colonizadores.

Nesse sentido, temos uma tessitura narrativa em que o tempo se organiza de forma linear, acompanhando a trajetória de Anacaona desde sua infância até sua morte. Segundo Genette ([s.d.]), essa ordem cronológica permite ao leitor seguir a sucessão natural dos eventos, o que facilita, em certa medida, a compreensão por parte de leitores menos experientes da integridade do relato. Além disso, o espaço, inicialmente descrito como harmonioso e em equilíbrio com a natureza, reflete a paz da comunidade taína antes da chegada dos colonizadores. Com a invasão espanhola, esse se torna um cenário de violência e de destruição, evidenciando a ruptura provocada pela colonização e a perda cultural do povo taíno.

As ações em *She was... Anacaona, the flower queen* / *Ella era… Anacaona, la reina flor de oro* (2020) são apresentadas por um narrador em nível extradiegético, cuja voz é heterodiegética, ou seja, um "narrador de primeiro nível que conta uma história da qual está ausente" (Genette, [s.d.], p. 247). Mesmo ausente da ação, essa voz narrativa assume um papel crítico ao dar centralidade à experiência da cacica taína já no início da narrativa:

> *In Léogâne, Arrondissement, a small town on what once was the island called Quisqueya, a native couple once lived, with their children: a boy and a girl. Even though they loved their children dearly, they were surprised to find that they still felt like something else was missing in their lives. En Léogâne, Arrondissement, una pequeña ciudad en la isla que entonces se llamaba Quisqueya, vivía una pareja indígena con sus hijos: un niño y una niña. Aunque querían mucho a sus hijos, la pareja sentía que algo más faltaba en sus vidas*[12] (Torres, 2020, n.p.).

12 Nossa tradução: Em Léogâne, Arrondissement, uma pequena cidade na ilha que então se chamava Quisqueya, vivia um casal indígena com seus filhos: um menino e uma menina. Embora amassem muito seus filhos, o casal sentia que algo mais faltava em suas vidas (Torres, 2020, n.p.).

Nas palavras do narrador, seus pais encontraram o nome perfeito, em português “Flor de Ouro”, simbologia de sua altivez e realeza. Ao narrar a vida adulta de Anacaona e de seus dois irmãos, o narrador dá destaque aos casamentos. Seu irmão mais velho passou a liderar um dos lados da ilha de Quisqueya, chamada Jaragua e Anacaona, ao se casar com Caonabó, passou a governar o outro lado, chamado Managua. A ausência de descrição sobre a vida adulta de sua irmã do meio, bem como dos nomes de seus irmãos, revela uma nítida estratégia da autora para revelar, pelo não dito, as estratégias de ocultamento e silenciamento da História Tradicional sobre os nativos americanos. Assim, o relato dá maior destaque à sua protagonista, a cacica Anacaona.

Na sequência da narrativa, após a morte de seu irmão, o cacique de Jaragua, Anacaona, ainda muito jovem, passa a governar também esse lado da ilha de Quisqueya. Pela voz enunciadora do discurso, evidenciam-se aspectos positivos de sua liderança como cacica taína: *Under her rule, the natives lived happily. Anacaona was a wise and fair leader, and everybody respected her. Bajo su reinado, los nativos vivian felices. Anacaona era una lider sabia y justa y todos la respetaban*[13] (Torres, 2020, n. p.). Dessa forma, o narrador não apenas relata eventos, mas contribui para ressignificar a memória histórica e a oferecer ao leitor um olhar que confronta a lógica colonial que, historicamente, invisibilizou a atuação de mulheres indígenas como Anacaona, uma governadora sem dúvida corajosa e resiliente.

O narrador, ao longo da diegese, expõe de forma crítica os atos de violência e traição praticados pelos espanhóis, ressaltando o contraste entre a postura diplomática e pacífica de Anacaona e a brutalidade dos colonizadores, conforme elucida o fragmento a seguir:

> *When Anacaona and the others arrived, Ovando had them stay in a wooden house. He then set the house on fire with them inside! Those who managed to escape were violently attacked. Many natives were killed that day. Una vez que Anacaona llegó, Ovando los puso en una casa de madera... ¡Y luego la casa fue incendiada con ellos adentro! Los que lograron escapar de la casa fueron atacados violentamente. Muchos indígenas murieron ese día*[14] (Torres, 2020, n.p.).

13 Nossa tradução: Sob seu reinado, os nativos viviam felizes. Anacaona era uma líder sábia e justa, e todos a respeitavam (Torres, 2020, n.p.).

14 Nossa tradução: Assim que Anacaona chegou, Ovando os colocou em uma casa de madeira... e então a casa foi incendiada com eles dentro! Os que conseguiram escapar da casa foram atacados violentamente. Muitos indígenas morreram naquele dia (Torres, 2020, n.p.).

Apesar dos esforços de Anacaona para manter a paz por meio do diálogo, o relato revela como os espanhóis, como Nicolás de Ovando, desconsideraram esses gestos. Nesse contexto, a traição e violência contra seu povo, descritas por Torres (2020), nos lembram o "encobrimento do outro" da modernidade e colonização, conforme Dussel (1993). De fato, o colonialismo europeu, frequentemente apresentado como um marco de progresso, escondeu práticas brutais de exploração e genocídio. Assim, a narrativa de Torres (2020) expõe essa face sombria do colonialismo, confrontando diretamente a lógica eurocêntrica que justificou tais violências em nome da "catequização" e da expansão imperial.

No desfecho da narrativa, o narrador ressalta a corajosa escolha de Anacaona ao recusar ser concubina de um comandante espanhol, reafirmando sua dignidade e autoridade como cacica, conforme verificamos no seguinte excerto:

> *Anacaona survived the fire but was made prisoner. The Spaniards offered for her to serve as the concubine of one of their commanders in exchange for her life, but she refused. She was a cacique! For her refusal, she was sentenced to die and was hanged. Anacaona sobrevivió el incendio, pero la hicieron prisionera. Le dieron la opción de ser la concubina de un comandante español a cambio de su vida, pero ella se negó. ¡Ella era una - cacique! Por su negativa, la sentenciaron a muerte y la ahorcaron*[15] (Torres, 2020, n.p.).

Sua decisão de enfrentar a morte em vez da submissão denuncia a violência de gênero e a desumanização colonial. Ao mesmo tempo, a narrativa, valendo-se do recurso do "narratário interpelado" (Jouve, 2002), finaliza estabelecendo um diálogo com seu principal interlocutor, as mulheres: "*Her story says to all, and especially women, not to let anyone take control of you. To be faithful to whom you are. Su historia dice a todos, y en especial a las mujeres, que no dejes que nadie tome control de ti y que seas fiel a quien eres*[16]" (Torres, 2020, n. p.). Desse modo, o narrador faz um chamado às mulheres para que não permitam que outros controlem suas vidas e decisões, promovendo a autonomia e a valorização da própria História, que também é a de mulheres e, entre elas, de nativas resistentes e heroicas.

15 Nossa tradução: Anacaona sobreviveu ao incêndio, mas foi feita prisioneira. Deram-lhe a opção de ser concubina de um comandante espanhol em troca de sua vida, mas ela recusou. Ela era uma cacica! Por sua negativa, foi sentenciada à morte e enforcada (Torres, 2020, n.p.).

16 Nossa tradução: Sua história diz a todos, em especial às mulheres, que não permita que ninguém controle sua vida e seja sempre fiel a quem você é (Torres, 2020, n.p.).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propomos uma análise crítica e decolonial da obra *She was… Anacaona, The golden flower queen / Ella era… Anacaona, La reina flor de oro* (2020), de Viviana S. Torres. Para além de examinar seus aspectos estruturais e temáticos, investigamos sua potência na formação de leitor(e)as e escritor(e)as decoloniais. A leitura e a escrita, historicamente instrumentos de poder controlados por elites ocidentais, excluíram sistematicamente populações indígenas, afrodescendentes, mestiças e mulheres do acesso à escolarização e à produção de saberes. Como resultado, a Literatura dessas vozes subalternizadas foi alijada do cânone eurocêntrico, sendo padronizada por uma escrita masculina, patriarcal e sexista.

Nesse contexto, a narrativa híbrida de História e ficção de Torres (2020) resgata a memória de Anacaona – líder taína apagada pelas narrativas hegemônicas –, reposicionando-a como símbolo de resistência indígena e feminina latino-americana. O livro, escrito por uma autora de apenas 10 anos, confronta a colonialidade do saber ao dar voz a uma personagem autóctone silenciada pelas forças coloniais. Assim, levá-lo para a sala de aula no contexto latino-americano é um ato político e pedagógico que questiona estruturas de poder e promove a descolonização do imaginário infantil e juvenil. Ao acessar essa narrativa, estudantes são convidados a repensar suas identidades e a romper com as lógicas de apagamento impostas desde a colonização.

REFERÊNCIAS

BECHER, T. C.; FLECK, G. F. Ressignificações decoloniais da resistência autóctone feminina na história latino-americana: representações literárias de Anacaona. *SOLETRAS*, n. 50, p. 77-95, 2024. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/87622/52784. Acesso em: 19 fev. 2025.

DUSSEL, E. 1492: *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade:* conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F.; CORBARI, C. C. [Orgs.]. *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras:* leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [s. d.].

JOUVE, V. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.

LEAL, V. M. V. O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro. STEVENS (org.). *Mulher e literatura 25 anos:* raízes e rumos. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 183-207.

LUGONES, M. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colombia, n. 9, p.73-101, 2008. Disponível em: https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf. Acesso em: 20 FEV. 2025.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MIGNOLO, W. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 21 fev. 2025.

QUIJANO, A. Colonialidad del Poder y Clasificacion Social. *Cuestiones y horizontes*: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

SANTOS, V. P. d. *Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantil e juvenil no Brasil:* as ressignificações do passado como vias de descolonização na formação leitora. 2023. 424 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2023. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/6855. Acesso em: 19 fev. 2025.

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. São Paulo: Autores associados, 2013.

SOARES, M. B. Comunicação e expressão: o ensino da leitura. ABREU, M. (org.). *Leitura no Brasil:* antologia comemorativa pelo 10.º COLE. Campinas: Mercado Aberto, 1995.

TORRES, V. S. *She was... Anacaona, the golden flower queen / Ella era... Anacaona, la reina flor de oro*. Nova Iorque: Cayena Press, 2020.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária:* abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 327-336.